

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
JOSÉ MARIO BRANCO – A MORTE NUNCA EXISTIU  
21 de Abril de 2022

A ESPADA E A ROSA / 2010

*Um filme de João Nicolau*

*Realização:* João Nicolau *Argumento:* João Nicolau, Mariana Ricardo *Fotografia:* Mário Castanheira *Som:* Vasco Pimentel *Montagem:* Francisco Moreira, João Nicolau *Música original:* München *Montagem de som:* Vasco Pimentel, Hugo Leitão, João Nicolau, António Lopes *Mistura:* Miguel Martins *Direção Artística:* Sílvia Grabowski *Maquilhagem e cabelos:* Araceli Fuente *Primeiro assistente de realização:* Telmo Churro *Anotação:* Leonor Noivo *Interpretação:* Manuel Mesquita (Manuel), Luís Lima Barreto (Melo), Nuno Pino Custódio (João), Pedro Faro (Van Der Linden), Joana Cunha Ferreira (Juana), Hugo Leitão (Roque), Mariana Ricardo (David), Lígia Soares (Marta do Monte), Alice Contreiras (Lavínia), Tiago Fagulha (Hugo), Crista Alfaiate (Julinha), Caroline Deruas (Juliette), Julie Duclos (Julie), João Lobo (Julius), Justin Taurand (Julien), Helena Carneiro (Ana Lee), Sinem Erdogan (Júlia), Márcia Breia (Luísa), Pedro Leitão (Pedro), Armando Nunes (Fiscal dos Impostos), com a participação de Michael Biberstein (Rosa 1), José Mário Branco (Rosa 3) e Luís Miguel Cintra (Rosa 2).

*Produção:* O Som e a Fúria, Shellac Sud (Portugal, França, 2010) *Produtores:* Sandro Aguilar, Luís Urbano *Co-produtor:* Thomas Ordonneau *Director de produção:* Joaquim Carvalho *Cópia:* 35mm, cor, 142 minutos, legendada em português *Estreia Mundial:* 67º Festival Internacional de Cinema de Veneza - Biennale di Venezia 2010: Orizzonti Competição *Primeira apresentação pública em Portugal:* Novembro de 2010, Estoril Film Festival 2010 *Ante-estreio* na Cinemateca Portuguesa a 31 de Janeiro de 2011 *Estreia comercial (Lisboa):* Alvaláxia e Teatro do Bairro, a 7 de Abril de 2012.

\*\*\*

**Com a presença de João Nicolau**

\*\*\*

*Vede como a vida é vela.*

**A Espada e a Rosa**, ou a vida aquática com João Nicolau... Primeira longa-metragem do realizador, transporta o vigor e a frescura que conhecíamos das curtas – **Rapace e Canção de Amor e Saúde** – sem perder nada, nem sequer aquela exuberância a que apressadamente se chamaria “pop” (o ecran a explodir em muitas cores diferentes), a imaginação desenfreada a multiplicar ideias visuais e sonoras a cada plano, cinema feito com gozo próprio e a apontar ao gozo alheio. Há quem lhe queira mal por isso, razões afinal simétricas às de quem quer mal a Wes Anderson – não é *povero* (pelo contrário, é rico, ou faz-se de rico: tem caravelas e tudo), não tem o semblante compungido pela austeridade estética feita ditame ético (porque “já acabou tudo”, não é?), e reinventa o cinema como ritual ser vir de nenhuma missa ou igreja conhecida. Nem mesmo a de São João César Monteiro, reflexo demasiado condicionado quando se trata de falar de João Nicolau, por ter sido colaborador do autor de **Que Farei eu com Esta Espada?**. **A Espada e a Rosa** não renega César, nem renega cinema português nenhum. Mas reduzi-lo a um filme feito na inspiração de César (mesmo como elogio) ou a um filme a macaquear César (depreciativamente) é, no primeiro caso, ver curto, e no segundo caso ver estupidamente. Dever todos os cineastas devem, uns aos outros – mas de Nicolau já conhecemos o suficiente para não confundir o acessório com o essencial. E o essencial é dele. Essencialmente. E os filmes que **A Espada e a Rosa** nos lembra nem são portugueses: Anderson, já dissemos (e de algum modo

Nicolau também diz: aqueles pijamas às riscas, lá para o fim, parecem citação dos “uniformes” andersonianos), mas também Raul Ruiz (o imaginário da literatura de aventuras feita universo paralelo, com física própria, “não apenas física...” para citar o filme), ou os musicais de Serge Bozon, **Mods** ou **La France**, pouco anteriores ao filme de Nicolau. Dizer isto não contradiz um dado fundamental: como tantos filmes portugueses, e sobretudo tantas “primeiras obras”, **A Espada e a Rosa** é uma filme sobre a despedida da adolescência e a descoberta da idade adulta. Do grupo à noção de que o caminho tem que ser percorrido solitariamente. Também neste filme a última frase podia ser “adeus, amigos” (mas não é, e já lá vamos). “Adeus”, tinha dito o protagonista ao longo de todo o extenso “pré-genérico”, espécie de caricatura da “boémia” lisboeta povoada por vagos artistas e vagos filósofos. Não se passa nada, na verdade: problemas com os impostos, namoradas que vão e vêm, o futebol, os emails no computadores, os copos de plástico que já estiveram cheios de cerveja arrastados pelo vento. Vem o choque (o acidente com o táxi), “fica tudo negro”, ou na verdade tudo branco: na linguagem de ficção científica farsolas que é a do filme, esse écran branco é, dir-se-ia, o “portal”, que conduz à consciência – ou pelo menos a um estado particular de consciência, onde a imaginação substitui a vida vivida, e ao quotidiano se sobrepõe a verdadeira narrativa, aventureira e episódica, Salgari salgado com Bradbury e todos os outros jogos de palavras que queiramos fazer com escritores (ou com actores: Luís Lima Barreto, o Melo, está como num cruzamento entre Peter Lorre e Bill Murray). Mas é então, portanto, que o genérico desce e o filme começa, história cómico-marítima ferida por uma atmosfera indefinível (“um tempo pegajoso”, chamou-lhe um crítico espanhol, e soa muito bem assim), a rotina do convívio (muito belas cenas de refeição, bailes, festas) a tropeçar em súbitos momentos de uma gravidade tratada com pinças (o suicídio, a incompreendida “arrogância dos tímidos”), e temperada por todos os interlúdios que fazem de **A Espada e a Rosa**, no seu âmago, um filme propriamente musical (pela música “on”, e pela música “off”, onde Nicolau faz, como Anderson, escolhas surpreendentes que parecem imediatamente justíssimas).

A chave do filme, parece-nos, a sequência que resume o seu sentido – que o filme “encripta” da mesma maneira que, dizem os estudiosos do subconsciente, o sentido dos sonhos nos aparece encriptado – é aquela reunião final nas instalações da Rosa. A Rosa, que tem três corpos: o de Michael Biberstein, o de Luís Miguel Cintra, o de José Mário Branco. Um pintor, um actor, um músico – a Arte personificada, portanto. Mas também a autoridade, o conhecimento, um estado – adultíssimo – de sabedoria. Capaz de reunir os sonhos e o amor, a arte e a ciência, a literatura, a música, a tecnologia, o café e o rum (dixit a Rosa, pela voz de José Mário Branco). Mas responde isto a alguma coisa, alguma coisa de essencial? O protagonista, Manuel, sabe melhor quem é e o que é uma vez satisfeitas as exigências da Rosa? Aquele plano melancólico sobre o seu rosto indica que não. As respostas são as que cada um encontrar no caminho que cada um percorrer (pensamos que há nisto um “discurso” do próprio Nicolau sobre o seu próprio lugar enquanto cineasta, homenagem aos mestres apenas plenamente cumprida na ruptura com eles). Manuel parte, portanto, no último e nocturno plano. Tanta exuberância, pergunta o espectador, para tão soturna conclusão? Tememos bem que sim, e que **A Espada e a Rosa**, passada a euforia do companheirismo e da solidariedade juvenil, devolva cada um à sua solidão. É uma estrada solitária – como aparecem então a cantar, na banda sonora, acompanhando a passagem do negro da noite ao negro do genérico final, Doc e Merle Watson.

Luís Miguel Oliveira